

## EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE: POSIÇÕES DO FEMININO FRENTE AO OUTRO

Rayssa Kelly Santos de Oliveira  
Ivanildo da Silva Santos  
Hermano de França Rodrigues (Orientador)

*Universidade Federal da Paraíba*

[rayssa@live.com.au](mailto:rayssa@live.com.au)

[iviblackcat3@gmail.com](mailto:iviblackcat3@gmail.com)

[hermanorg@gmail.com](mailto:hermanorg@gmail.com)

### Resumo

O feminismo corrobora com períodos históricos em que se atrelou ao chamado movimento feminista. Esses grupos lutavam em busca de direitos e liberdade para a mulher. Os objetivos a serem alcançados por cada movimento, diferia de cultura para cultura, país para país, porém, unidos unicamente pelo ansejo da mulher estar na sociedade na figura de si e não de um *Outro* dominado, oprimido, escasso e anulado. Ao evidenciarmos organizações mais modernas, observamos que as feministas as dividem em três segmentos, denominados *primeira, segunda e terceira onda do feminismo*, em que esta última é *vivenciada* na sociedade pós-moderna. Assim, adentramos a um tema que provoca questionamentos e divergências na contemporaneidade: As questões identitárias. As identidades, que ratificavam uma determinada consonância subjetiva com as *obrigações* culturais de outrora, estão se dissolvendo e se moldando, ao efêmero, fundamentalmente, as femininas. O texto fílmico, cada vez mais acessível aos indivíduos, encenam tais conflitos, os quais desnudam imperativas mudanças. Desse modo, nosso estudo almeja examinar a película *Preciosa: Uma história de esperança* (2009), dirigido por Lee Daniels. A obra desnuda a vida da personagem Clarieece “Preciosa” Jones, uma adolescente vítima da violência doméstica e social, que rompe os preceitos e preconceitos de uma sociedade aniquiladora e opressora, se (re)construindo através da resistência e autodeterminação. Para isso, utilizaremos os Estudos Culturais e de Gênero, desenvolvidos por HALL (2006) e BEAUVOIR (1980) como suporte para compreender como a obra culmina essas representações femininas, tal qual, identitárias e, transfigura-se, em um novo construto social, ao que se refere à mulher.

### INTRODUÇÃO

O feminismo vem, ao longo dos anos, moldando o que concerne as esferas políticas, ideológicas, sociais e culturais, em um direcionamento acerca do *ser e pertencer* a uma sociedade entre iguais. Trazendo assim, questões de gênero e emponderamento feminino, concedendo uma visão mais aberta do tema e provocando interesses cada vez mais abrangentes.

Aliando-se a isso, recaímos na questão da identidade, ou ainda, identidades, a qual percorre, hodiernamente, diferentes áreas de conhecimento, como a científica, a filosófica, a psicanálise, psicologia e, sobretudo, os meios sociais, religiosos e acadêmicos como universidades, igrejas, escolas, movimentos sociais, etc.

Com isso, nos indagamos: Até que ponto o indivíduo muda e consegue, de alguma forma, distinguir o que lhe é próprio ou coletivo? Qual a influência que os anos têm dado no querer saber, viver e entender? Por que o social e o cultural é parte importante na construção identitária?

O sujeito manifesta distintas identidades de tempos em tempos, não consubstanciadas, mas transitórias, e muitas vezes, paradoxais, estendendo-se assim, a um contínuo deslocamento, mormente, ao feminino.

Muitas questões ainda transpassam ao que concerne a construção de identidades femininas, como o corpo, a sexualidade e o trabalho, como diferenciação dos sexos. Elementos, dos quais, ainda se estreitam a uma visão social embasada, de certa forma, na restrição. Porém, observa-se que a imposição sobre as esferas públicas e privadas é, atualmente, libertadora.

É com esse ensejo que corroboramos com o auxílio de autores como Stuart Hall e Simone de Beauvoir para analisar a obra fílmica *Preciosa: Uma história de esperança* (2009), na qual discutiremos questões em torno da sexualidade e de identidades em que a mulher transfigura-se sujeito ativo, envolta e pertencente aos discursos, convicções, valores, pensamentos, políticas e conceitos próprios que influenciam no processo de suas novas configurações construtoras.

## **1. O movimento feminista ao longo dos anos**

O movimento feminista teve origem em New York, no ano de 1848, envolto a lutas acerca de direitos, liberdade e ascensão. Enfatizou-se durante a revolução francesa, envolto de um *grito* do qual ainda perdura na contemporaneidade: “Igualdade, liberdade, fraternidade”. Esses dizeres traduziam o conflito em busca de extensão de igualdade e liberdade política e social entre os sexos. A exemplo disso valia-se o esforço pelo direito de voto e causas identitárias.

Este (movimento) preza por proporcionar a sociedade um entendimento de que não há distinção entre gêneros, sendo assim, os direitos e deveres que constituem o âmbito social tornam-se válidos a todos os cidadãos que os compõem. A partir dessa conjuntura, a mulher obteve conquistas gradativas, das quais, ainda discorrem.

Em 1792, “A reivindicação do direito das mulheres”, publicado por Mary Wollstonecraft, escritora inglesa e defensora dos direitos femininos – citada até os dias atuais como pioneira em defesa de mulheres, sendo referência ao movimento feminista – revelava a importância da mulher guiar-se pela educação, visto que esta (educação) fora retirada desde a idade média, em prol do *ser masculino*. A autora admite que não havia uma diferenciação entre os sexos, apenas falta de oportunidade para educar o considerado *segundo sexo*. De acordo com a autora:

Contending for the rights of woman, my main argument is built on this simple principle, that if she be not prepared by education to become the companion of man, she will stop the progress of knowledge and virtue; for truth must be common to all, or it will be inefficacious with respect to its influence on general practice. And how can woman be expected to co-operate unless she know why she ought to be virtuous? (Wollstonecraft, 1792, p. 3)<sup>1</sup>

De acordo com a autora, mulheres não eram, de cunho natural, inferiores aos homens, a educação que lhes foi negada seria a causa para a aparência suscitada no discurso masculino.

Com fontes inspiradoras como Wollstonecraft, o movimento no século XIX vislumbrava os objetivos a serem alcançados. Estes, todavia, diferia de cultura para cultura, país para país, porém, unidos unicamente pelo ensejo da mulher estar na sociedade na figura de si e não de um Outro dominado, oprimido, escasso e anulado.

A segunda onda do feminismo deu-se entre a década de 1960 e 1980, marcada pela luta contra a desigualdade entre os sexos e a discriminação persistente que as mulheres sofriam. Tendo como bordão “O pessoal é político” criado pela feminista Carol Hanisch. A segunda fase enfatizava as adversidades culturais e políticas, das quais, incentivava as mulheres a combater o *sexismo* e a emponderar-se no âmbito político e do trabalho. Posteriormente, o dito “Liberação das mulheres” foi vastamente exposto e apresentava as mulheres o fato destas não terem a *obrigação* de serem apenas *do lar*. Dessa forma, o cenário que surgira era de libertação de mulheres enclausuradas dentro de seus lares e de culturas patriarcais.

A terceira e última onda (até o presente momento) equivale-se ao meio da década de 80 até os dias atuais, em que as mulheres lutam acerca de elementos que ainda são subjugados na condição do Ser mulher e de certa maneira, “corrigiam” o que fora esquecido nas *ondas* anteriores.

Abarcando as causas e objetivos dos movimentos, temos, igualmente, Simone de Beauvoir. Filósofa francesa, a autora permeou a segunda onda do feminismo, destacando e evidenciando as feministas com seus escritos filosóficos e autobiográficos, emponderados e marcados pela consciência da mulher ser rechaçada e reconhecida como o Outro oprimido da sociedade.

A análise que expõe Beauvoir é extremamente intensa, visto que não só evidenciava o peso que é recaído nas mulheres, como também, a complexidade destas soltarem-se desta dita *prisão*.

---

<sup>1</sup> Alegando acerca dos direitos da mulher, meu principal argumento é construído sobre o princípio simples, que se ela não estar preparada pela a educação para se tornar a companhia do homem, ela parará no progresso de conhecimento e virtude; a verdade deve ser comum a todos, ou isso ficará ineficaz no que diz respeito a sua influência na prática geral. E como pode se esperar que uma mulher seja cooperativa a menos que ela saiba porque ela deveria ser virtuosa?

Pois entende que o feminino, ao passar dos anos, assumiu um Ser negativo, isto é, o Ser pelo qual não se define, e tem a figura masculina como àquele que definirá o tipo de identidade pela qual assumirá. Porém, encontra contradições nesse elo de oprimido-opressor, pois “o homem que constitui a mulher como um outro encontrara nela profundas cumplicidades” (BEAUVOIR, DS I, 1980, p. 15).

É inegável os êxitos que o movimento conquistou e mantêm-se nesse viés, continuamente, a exemplo da autonomia sobre o corpo, dos direitos trabalhistas, da igualdade de salários, das leis relativas a violência doméstica e assédio sexual, dentre variados aspectos discriminatórios que abarca(ram) a história das mulheres.

## **2. Mulheres na contemporaneidade: A questão das identidades**

A questão da construção da identidade é ampla e diverge em vários âmbitos, mormente, ao que se refere a uma construção de identidades múltiplas, pois, não há uma só ciência que abarque um conceito único e inquestionável. Diversas áreas do conhecimento tentam, de alguma forma, entender e explicar acerca do que permeia o tema. À vista disso, os questionamentos giram, fundamentalmente, em como estas (identidades múltiplas) se formam a partir de parâmetros sociais, culturais e psicológicos, possibilitando, assim, uma apreensão dos fatores plurais que integram, subjetiva e coletivamente, o reconhecer-se enquanto sujeito, principalmente, ao que diz respeito ao feminino.

Para Hall (2006), há uma mudança estrutural que está transformando o modo com que as sociedades modernas vivem e se firmam desde o final do século XX. As paisagens culturais de nacionalidade, etnia, classe, gênero, raça e sexualidade, estão, paulatinamente, sendo fragmentadas, uma vez que as estruturas estão transpassando de sólidas para líquidas. Ou seja, a sociedade moderna está *diluindo-se* de acordo com os anos. As questões identitárias anterior ao século em questão "não estava nem perto de nosso centro do nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica". (BAUMAN, 2005 p. 23), todavia, atualmente, falar sobre identidades, é falar da contemporaneidade.

Entre o biológico e o social, o papel do sujeito, mormente o feminino, foi excessivamente usurpado durante os séculos. Na pós-modernidade, com a contribuição do feminismo no entendimento acerca das identidades sociais, as mulheres passam a ter nas esferas socioculturais, um caminho de mudanças e transformações. "Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino" (BUTLER, 2003, p. 26). Nesse sentido, Hall (2000b) vem dialogar que:

(...) a identidade seria um conceito que opera sob rasura, ou seja, não assinala um núcleo estável do eu que permanece idêntico a si mesmo, passando pelas vicissitudes da história sem qualquer mudança. (Hall, 2000b).

Embora haja transformações, os estereótipos de uma herança tomada por preconceitos ainda são evidentes e fincam-se em um *padrão* que ainda permeia a esfera social, pois, “Ser uma mulher que não pertence a nenhum homem é ser invisível, patética, inautêntica, irreal” (GROSSI, 1999, p. 564). Entretanto, a identidade do sujeito, independente de gêneros, não pode ser exclusiva ou própria a uma única raça, etnia, sexualidade ou natureza, nem tampouco dominada por preceitos de pertencimento ao outro, uma vez que não se adequa a algo central e limitado. A crise de identidade de um indivíduo atribui-se a um social externo sujeito a transformações – e modificar-se mediante a estas – ou está intrínseco a este (indivíduo) em sua integralidade? Stuart Hall rememora as palavras de Kobena Mercer:

A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza (MERCER, 1990, p. 43, apud HALL, 2006, p. 9).

Dito isto, o autor revela a ideia de descentramento – do fixo para o líquido - na pós-modernidade, enfatizando, em um dos pontos, que o feminismo, nesse sentido, tem um impacto primordial, enquanto movimento social revolucionário, pois “eles (os movimentos) afirmavam tanto as dimensões “subjetivas” quanto as dimensões “objetivas” da política”. (HALL, 2006, p. 44). Sobre o movimento (feminista) o autor ressalta que:

Cada movimento apelava para a *identidade* social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gay e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a *política de identidade* – uma identidade para cada movimento. (HALL, 2006. P. 45).

O feminismo, desse modo, enquadra-se como uma forma de ruptura as amarras políticas e sociais. Encontrando-se com os estudos culturais, fundamenta um descentramento conceitual, uma que questiona e busca medidas de reconhecimento, reivindicando uma dimensão pessoal e pública que permita a formação identitária. Hall (2006) recorda acerca dos progressos que o movimento exerceu nestas questões (identitárias):

Ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas. (...)) Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da *posição* social das mulheres expandiu-se para incluir a *formação* das identidades sexuais e de gênero. (...) O feminismo

questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a “Humanidade”, substituindo-a pela *questão da diferença sexual*. (HALL, 2006, p. 45-46, grifo nosso)

Isso estende-se, pois, as mulheres na pós-modernidade. A subjetividade feminina está moldando-se de acordo com os anos. Resquícios clássicos e hodiernos, de cunho histórico, social e cultural fazem parte dessa nova constituição, pois (a subjetividade) "é algo construído, construído por cada um de nós e ao mesmo tempo por influências poderosas do meio em que vivemos..." (LORIERI, 2008, p. 77).

As mulheres contemporâneas nos revelam traços que o feminismo, enquanto movimento e causa identitária, as permitiu e notoriamente permite compreender e viver a transgressão da anulação e repressão para a liberdade, a construção e a independência.

### **3. Preciosa: A luta pelo direito de falar por si mesma**

A narrativa fílmica *Preciosa: Uma história de esperança* (2009), baseada do livro *Push* da poetisa Sapphire, publicado em 1996, apresenta a vida de privações da personagem principal Claireece Precious Jones, de 16 anos, gorda, negra, soropositiva, pobre e mulher. O cenário é o Harlem, bairro pobre de Nova York, em 1987. A personagem principal é conhecida como “Preciosa”. Preciosa é analfabeta funcional, agressiva, constantemente perseguida pelos colegas, colocada em circunstâncias de extremo abuso físico, psicológico e sexual. Ela é expulsa do colégio devido sua segunda gestação. Ela tem uma filha com Síndrome de Down, chamada “mongo”. Ambos os filhos de Preciosa são resultado de estupros cometidos pelo seu pai, que a estuprava frequentemente, com a conivência da mãe. Como forma de fugir da realidade de sua vida, Preciosa refugia-se em sua própria imaginação. Ela sonha em sendo uma superstar aclamada pelo público, imagina que seu professor de matemática nutre um sentimento por ela e que irão morar juntos. Nota-se que este ponto de sua personalidade é uma forma dela conseguir resistir e defender-se de todas as condições de extrema desqualificação e exclusão que é colocada.

No ambiente familiar convive com sua mãe desequilibrada e alcoólatra, que é negligente com a própria filha deixando a mercê dos abusos sexuais do marido. A mãe possui um ódio pela filha, pois a julga como uma concorrente sexual. Desde 03 anos de idade, Preciosa sofre violência sexual do pai. A mãe revela que o pai era soropositivo, o que implica dizer que Preciosa também adquirira o vírus do HIV por intermédio das relações com seu pai. Ela vivia com muitas marcas de exclusão. Sua família sobrevivia dos cheques do seguro social. Sua mãe explorava a situação da

filha, para aproveitar-se do benefício do governo. No entanto, é perceptível como o sistema a pressionou em muitos aspectos, não é uma vilã em sua essência.

Nota-se uma opressão e uma exclusão na identidade de Preciosa. Seu deslocamento de um “centro”, que construiu um padrão ideal de mulher branca, magra, classe média e frágil é visível. Onde encontramos Preciosa no meio deste saber/poder que a coloca como um sujeito sem “valor”? Talvez, esta seja a maior busca da protagonista em seus questionamentos. Onde buscar parâmetros que qualifiquem sua identidade excluída?

Para Bauman (2005), é impossível para esta era líquida moderna conseguirmos alinhar nossas identidades em apenas uma única comunidade de princípios e ideias. Ou seja, somos uma combinação de existências individuais fragmentadas e compartilhadas. Então, esta experiência de “deslocamento” de Preciosa, é a sucessão de episódios de embargos e restrições do sistema e pessoas a sua volta.

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaíam” e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes, perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. (BAUMAN, 2005, p. 19)

Sendo assim, Preciosa não precisa enquadrar-se nos regimentos que tentaram colocar sua identidade. Ao passar a integrar a escola alternativa, com moças com histórias parecidas Preciosa passa a repensar toda a sua vida. A professora Blu Rain, é uma potencializadora no processo de redescobrimto de Preciosa. Suas palavras trazem esperança para a vida da garota, sem promessa de felicidade. A educação mostra uma saída, apresenta um espaço para falar e ser ouvida, para protestar, aceitar ou recusar. Durante sua vida Preciosa utilizou seu silêncio diante das injúrias e humilhações da mãe como forma de sobrevivência. Para a escritora negra americana Bell Hook apud Gelbcke (2013), a maneira como reprimimos os sentimentos é um ato de sobrevivência.

A prática de se reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto da vida dos negros, mesmo depois da escravidão. Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas

barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem (HOOKS, 2000, p. 189).

Ao escrever suas aspirações, sonhos, dúvidas e realidade no diário proposto pela professora Rain. A corajosa Preciosa começa a romper os limites e imposições colocadas a sua subjetividade. Seu silêncio torna-se voz, uma voz de esperança para si mesma. Ela começa a ver a si mesma, além do padrão refletido no espelho de sua casa. Inclusive uma das cenas mais tocantes do filme, quando vê a si mesma refletida no espelho como uma moça branca e de classe média alta. Porque este era o padrão de “felicidade” vendido a sua volta. Algo bem distante de sua realidade. Mas ao escutar a si mesma, ela aprende que a melhor maneira de ser feliz é encontrar esperança nas decisões que vier a tomar para sua própria vida. A primeira mudança é falar a verdade. E ela resolver ir a Assistência Social, e dizer a real situação de sua casa. Sua perde o cheque, e fica furiosa. Preciosa sai de casa, e vai viver num abrigo. Lá, tem seu segundo filho Abdu.

Finalmente, ela sente-se dona de si. Resolve buscar sua outra filha. A partir deste momento, Preciosa começa a enxergar a sua vida através de outra perspectiva. Pois resolve ser responsável pela sua vida. Aceitar como é. É notório, frisarmos a influência de sua professora Blu Rain em seu processo evolutivo. Pois a educação a mostrou onde estava, e onde desejava estar. Além de fazê-la compreender que era capaz de ser boa para si mesma. Nas palavras de Freire (2011),

O fato de o oprimido enxergar todos os ditames que o colocaram nesta posição o faz refletir sua condição e é o primeiro passo para as realizações de grandes mudanças e revoluções. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como ‘seres para si’, esta luta pela humanização somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos. (...) o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sintam opressores, nem se tornem, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si mesmos e aos opressores. (...) Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. (FREIRE, 2011, p. 41).

Desta forma, Preciosa ouviu a voz das opressões que sofria e através de sua posição reivindica seu próprio caminho. Compreendeu que sua identidade era criada, montada e forjada por um sistema que determina o que é ou não aceito como o “padrão” de sujeito. Ela transita da identidade de moça rude e impossibilitada de sonhos, para uma mulher dona de sua própria vida e



sonhos. Preciosa fugiu as predeterminações impostas a sua condição, revelando-nos o quanto nossas identidades são inventadas e construídas, inclusive, a própria definição de mulher, corporalidade, sexualidade, etnia e gênero. De acordo com Bauman (2005),

Minha opinião é igual à sua... Sim, de fato, a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protege-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, p. 21-22)

O refúgio que Preciosa encontrou na escola é essencial para sua (re)invenção como sujeito. O ambiente é as portas para seu desejo de ter um espaço só seu na sociedade. Por isto, a valorização da educação é importante, principalmente, nas discussões que permeiam assuntos e temas relacionados a sujeitos sociais excluídos. A narrativa dar este ênfase ao poder da educação como meio de apresentar novas realidades, incluindo discussões necessárias ao currículo e a sociedade em geral. Podemos concluir com uma cena do filme, em que a Professora Blu Rain pergunta: *Claireece, alguma coisa que você faça bem?* E ela responde: *Nada*. E então, a professora retruca sua resposta: *Todos são bons em alguma coisa*.

Nesta fala, observamos o poder do discurso de empoderamento feminino de uma mulher sobre outra que está numa posição de submissão e opressão. E o quanto o discurso de resistência dos oprimidos pode revelar o poder de sua voz, e a posição e artifícios daqueles que os oprimem.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim vale ressaltar que a narrativa fílmica Preciosa- Uma História de Esperança abre espaço para a discussão dos pré-moldes sociais que tentam definir como um sujeito deve ser ou agir. Sua personagem principal leva-nos a esperança de uma vitória diante a opressão do patriarcado e machismo, bem como o sistema elitista dominante da sociedade liquido moderna da qual fazemos parte. Sua figura rude, sonhadora, destemida e silenciosa reflete toda a dor e repressão que tantos sofrem em suas posições marginalizadas no meio social. Além de questionar as posições em que são colocados homens, mulheres, pais, gays, etc.

Pois adquirir o seu direito de “humanidade” que é muitas vezes retirada daqueles sujeitos/identidades que escapam dos ditames da normalidade. Ela resgata o seu lado humano, podendo expressar o que sente e até valorizar seus próprios sentimentos. Ela reconhece sua própria voz através da dor, da violência de ser classificada como um objeto sem valor. Sua aparência

questiona os padrões de beleza, e faz-nos refletir sobre o que é belo? E por que é considerado belo? E quem determina estes padrões? Sua obesidade é uma marca visível do sofrimento sofrido por vários mulheres e homens, por não participarem do padrão corpóreo adequado as normas de beleza. E o que Preciosa faz com sua aparência? Ela coloca-a como secundária, pois sua voz é a protagonista de sua história e não sua aparência.

O acolhimento que a educação proporcionou para Preciosa é inquestionável, ao se alfabetizar consegue almejar um espaço no mercado de trabalho, aproximando-a de seus direitos como um indivíduo. Este espaço a aproximou de sua liberdade, pois passou a utilizar instrumentos como a escrita para reescrever uma nova vida. Preciosa resiste com seu silêncio, mas constrói pontes com sua própria voz. Ela vai trazer uma nova abordagem sobre os estereótipos socialmente construídos, e aqueles que almejamos. Ela toma o desvio como ponto para chegar ao ideal construído a sua maneira. Seria o reconhecimento da opressão e invisibilidade uma forma de lutar pela igualdade? Preciosa liberta-se com o conhecimento de sua própria liberdade, pois apenas assim conhecemos as algemas das representações impostas. Como diz Paulo Freire “a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser” (p. 22, 2002). Preciosa adquire esta autonomia através de uma educação que a possibilitou adentrar neste processo autônomo de escrever sua própria identidade e vivência.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro. Zahar. 2005
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. ED. São Paulo: Paz e Terra. 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra. 2002.
- GELBECKE, VANESSA RAIANNA. A. **“Preciosa” educação como caminho para emancipação**. Dossiê Olhares sobre a Escola: Representações da Escola no Cinema. N. 32. 2º, Sem./2013.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. In: Werneck , Jurema. et. al. (orgs). O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000.

LORIERI, M. A. **Educação e subjetividade na cultura globalizada: idéias a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin.** In: Notandum Libro 11, 2008. (CEMOrOC-Feusp/IJI - Universidade do Porto).

UZIEL, Anna Paula. GROSSI, Miriam Pillar. MELLO, Luiz. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis.** Ed. Garamond Universitária. Brasília: 1999.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects.** 1972.